

**BROCHARD E PLATÃO:
SOBRE A TEORIA DA PARTICIPAÇÃO (*MÉTHEXIS*).**

Mauro Araújo de Sousa *

RESUMO: A teoria da participação de Platão ainda necessita de muitas pesquisas por partes dos estudiosos da filosofia clássica. Entretanto, as análises realizadas por Brochard expõem argumentos bem fundamentados para um bom início a tais estudos. De um modo geral, os estudos de Brochard contribuem para um melhor entendimento sobre a *méthexis* (participação) e é isso que, por ora, nos interessa a partir de uma leitura que fazemos dos Diálogos *Sofista* e *Parmênides*.

PALAVRAS-CHAVE: Platão – Teoria da Participação – Diálogos *Sofista* e *Parmênides*.

ABSTRACT: The theory of the participation of Plato still needs of many researches for the specialists' of the classic philosophy parts. However, the analyses accomplished by Brochard they expose arguments well based for the good beginning to such studies. In to general way, the studies of Brochard contribute to the better understanding on the *méthexis* (participation) and it is that, now, it interests us starting from a reading that we do of the Dialogues *Sophiste* and *Parmenides* goes.

KEY-WORDS: Plato – Theory of the participation – Dialogues *Sophiste* and *Parmenides*

Introdução:

Este trabalho centra-se, especificamente, na teoria da participação explicitada no *Sofista* e preparada, por Platão, no *Parmênides*. Brochard, este autor clássico dos estudos da Antigüidade Grega que escolhemos, deixa bem claro para nós o que vem a ser tal teoria. E como devemos proceder com essa idéia de participação ou *méthexis* em Platão? Para respondermos essa pergunta, prescrevo exercitarmo-nos pelos comentários delineados neste texto, no que tange às análises do estudioso francês e, também, nas outras reflexões elaboradas a partir da leitura dos próprios Diálogos citados. Assim, a compreensão da *méthexis* será percebida como de suma importância não somente para desfazermos equívocos a seu respeito, mas pelo motivo de que essa mesma teoria nos auxiliará bastante no entendimento de outra teoria de Platão: a das Idéias.

* Doutor em Filosofia, Mestre em Ciências da Religião e Especialista em História pela PUC/SP.

O estudo de Brochard sobre a *méthexis* nos colocará frente a frente com esses dois diálogos imprescindíveis para entendermos a dialética de Platão e a própria idéia de participação. E, em se tratando do Diálogo *Sofista*, será ainda possível indagar-nos sobre o que é um discurso falso. Acaso é dizer outra coisa daquilo que é? “Determinar as diferenças pelo viés das colocações na oposição de ser a ser, tal é a função da dialética e da divisão (...)” (DIXAUT. In: AUBENQUE, 1991, p. 211). Quanto à participação, enfim, o que significa? No momento, atrevamo-nos a dizer que significa toda relação que não é nem exclusão e nem identidade, porque existe o ser de cada coisa.

Desse modo, por exemplo, todo ser do não-ser constitui o ser da diferença. É justamente tal conceituação que pretendemos explorar: a da diferença enquanto o que é o outro. Por isso, poderemos entender no não-ser que a negação é qualquer coisa de outro. E o que é esse “outro” de Platão? É o poder de fazer diferir daquilo que é o mesmo. Nisso pode-se considerar o não-ser como o outro do ser, o diferente. A dialética platônica, nesse entremeio, nos auxiliará a fazer o discernimento das relações dos gêneros tratados, também, no *Sofista* e que nos fará ver que existem associações possíveis e outras não. Contudo, é bom pararmos por aqui e deixarmos o restante às próximas linhas, em que ora seguirei com o leitor e ora me posicionarei na primeira pessoa do singular.

A teoria da participação – comentários baseados em Brochard e nos diálogos *Parmênides* e *Sofista*:

A teoria da participação, esclarecida no *Sofista*, vem resolver uma questão já levantada no *Parmênides*: a da multiplicidade, em que Zenão demonstra a impossibilidade desta. Sócrates, então, no mesmo *Diálogo – Parmênides* – suscita a teoria da participação e começa a considerá-la do seguinte modo:

[...] Zenão (...) se, contrariamente, demonstrarmos que todas as coisas são um enquanto participam do um e que estas coisas são muitas enquanto participam, de outro lado, da multiplicidade (...) Se ao invés, demonstrarmos que aquilo que é um e, por isso, é em si e múltiplo e, vice-versa, e múltiplo e uno, isto agora me assombrou (PLATÃO. *Parmênides*, 129b) [...].

Platão, na verdade, prepara no *Parmênides* o que desfechará no *Sofista*. A afirmação de que o absurdo é possível. Conforme Brochard esclarece, é a existência do erro e da verdade que estão em causa (BROCHARD. 1940, p. 103). O não-ser como erro. Pode o erro participar da verdade? Acaso é do erro que se trata?

“De que serviriam as Idéias se não participassem umas das outras, se não fosse possível uni-las em uma proposição?” (IDEM. IBIDEM.). A existência da verdade é uma realidade. A do erro também. Vamos imaginar, agora, o erro não como a contradição da verdade, porém como uma outra realidade, já que podemos dizer que ele existe. A existência do erro é verdadeira. O erro é a alteridade da verdade? Outra coisa a perguntar-nos: o discurso, ainda que falso, é sempre discurso sobre algo? Pelo menos, é isso que me parece. Nisso tudo também, acaso não está em jogo a gramática? Quando falamos que o não-ser é, não estamos falando que ele é algo diferente dele mesmo? Talvez não seja não-ser absoluto. O fato é que o não-ser se afirma gramaticalmente. E tem mais: se o não-ser não é a não-existência, é ele, então, um ser diferente? São muitas as perguntas que, assim, podemos fazer. A teoria da participação entrelaça ser e não-ser numa outra perspectiva, ou seja, não nos induz ao antagonismo, mas à diferença entre os seres. Pelo que entendo, nisso há uma grande abertura de Platão para solucionar aquilo que, no *Parmênides*, incomodava. Já falamos de seres, de multiplicidade, sem “peso na consciência”.

Brochard considera isso como sendo a reconciliação entre bom senso e razão (IDEM, p. 104), que a participação – apenas assim denominarei daqui para a frente tal teoria – resolve o envolvimento entre ser e não-ser. Na realidade, em que consiste o tão afamado parricídio, penso eu, se, no fundo só há o ser, porque até o não-ser é? Ser e não-ser fazem parte da ontologia como alteridade do mesmo. Isso é um adiantamento do que está nos “cinco gêneros supremos e suas relações mútuas” do *Sofista*. Se no *Parmênides*, Platão levanta as dificuldades da participação, é no *Sofista* que ele mostra as soluções. Como preparação ao *Sofista*, o *Parmênides* é um “jogo árduo e penoso”, consoante o próprio Platão (Cf. PLATÃO. *Parmênides*, 137 b). O *Parmênides* é um formador da prática dialética que nos auxilia a entender a participação. Em grego, essa formação seria: *pragmateiôde paidián*. Platão não está interessado, portanto, na disputa pela disputa, pela verborréia. Ele está com um método para tratarmos daquilo que existe de diferentes modos. As Idéias existem e as coisas sensíveis existem, é o que eu arrisco dizer; e estas participam naquelas, entretanto, naquelas existe uma hierarquia. Creio que, por essa participação, o *logos* possibilita o entendimento das coisas sensíveis, as quais não são em si. Quem sabe se a dificuldade para entendermos um assunto tão complexo é por termos um *nous* tão pequeno, já que o cosmo é muito mais *nous* que nós. Nesse sentido, para que se destina, realmente, a dialética? Para ativar o *nous*

que está em nós? E o *nous*... não participa da Idéia? É a Idéia? O que somos nós, os seres humanos? Para pensarmos...

É muito interessante algo que pode nos esclarecer sobre tal assunto, pois que Platão trata de nós não como indivíduos, mas cada um de nós é, simplesmente, cada um. Estamos de volta à questão da multiplicidade e da unidade. Lembrar aqui do final do *fragmento 8 (52)*, de Parmênides, sobre “duplas cabeças”. Eu sou eu... você é você... porém, tudo está intermediado por tudo... é a *méthexis*.

Enfocando, agora, didaticamente o *Parmênides*, Brochard nos põe a par de que o diálogo se divide em duas partes distintas, sendo que, na primeira parte, Platão argumenta contra a sua teoria das Idéias e, na segunda, ele faz uma propedêutica à dialética (BROCHARD. 1940, p. 107). Ainda segundo o autor francês, Platão não está só interessado no amor à verdade, pois não se constrange em mostrar seu amor à disputa – *philoneixia* – admirando-se em sua força e destreza (IDEM, p. 106). Parece-me que o filósofo da teoria das Idéias ama as duas coisas (assim seria: *philosophia* e *philoneixia*). Quanto ao amor pela disputa, é possível ver isso através da fala de Zenão (Cf. PLATÃO. *Parmênides*, 128 d, ao final). Aliás, contra os sofistas, Platão utiliza ainda melhor a arma dos mesmos, a disputa.

E a que vem o *diálogo Sofista*? Para solucionar os problemas levantados no *Parmênides*, principalmente o último dos cinco colocados:

[...] 5^o há uma dificuldade mais grave: as Idéias tal como se acaba de defini-las (modelos) não podem ser objeto do conhecimento humano (...); o conhecimento em si não pode ter como objeto senão os seres em si; da mesma forma, o conhecimento humano não pode saber senão as verdades que estão em nós (...); Deus ou os deuses poderão conhecer bem em si, mas não os homens ou as coisas humanas [...]
(IDEM. p. 111. Trecho retirado do *Parmênides*, 133-134).

Notamos aí a divisão do mundo humano e do mundo divino. Essa divisão se põe de forma absoluta. Todavia, Platão é cuidadoso em considerar que os espíritos versados numa ciência quase divina, podem solucionar a questão (Cf. PLATÃO. *Parmênides*, ver essencialmente 135 a), ou seja: ele deixa em aberto o que parecia absoluto, fechado. Isso cabe ao filósofo que, no fundo, foi o que Platão fez ao apresentar-nos a participação. O filósofo é versado na dialética.

Bem, e quais são os outros quatro problemas que precedem o último? Por ordem, temos:

[...] 1^o Sócrates admite, sem duvidar em nenhum momento, que as coisas sensíveis que participam das Idéias são às vezes, semelhantes e dessemelhantes entre si, unas e múltiplas (...) (BROCHARD, 1940, p. 109). (...) 2^o Que há Idéias distintas do mundo sensível (...) (IDEM. IBIDEM). (...) 3^o As coisas que participam das Idéias participam das Idéias inteiras ou somente de uma parte? Se as coisas participam da totalidade da Idéia, estando esta toda inteira nela e nas coisas e separada de si

mesma, torna-se múltipla (...) (IDEM, p. 109-110). (...) 4^o Consideremos agora a participação sob outro aspecto. Concebamo-la como uma semelhança: as Idéias seriam, então, modelos e as coisas sensíveis seriam cópias (...) (IDEM, p. 111) [...].

Assim, completamos o rol de dificuldades expostas na primeira parte do *Parmênides*. Platão, a partir de 136 a começa a segunda parte e, aos poucos, indica o método que levaria à solução das questões apresentadas e que, penso eu, é a dialética aplicada à defesa da participação. Brochard comenta que a passagem da primeira para a segunda parte contém uma ruptura no pensamento (Cf. BROCHARD, 1940, p. 112). Na prática, trata-se de examinar as hipóteses da existência ou não do Uno e as conseqüências disso para o próprio Uno e para as outras coisas (I parte), lançando, para isso, mão da dialética (II parte).

Brochard, a esse respeito, diz que Platão apresenta quatro hipóteses que assim eu resumo: o Uno é para ele e para as outras coisas (duas hipóteses aqui) e o Uno não é para ele e não é para as outras coisas (mais duas hipóteses aqui). Mas, elas se desdobram em oito. 1- O Uno participa do ser. 2- O Uno admite contrários (as outras coisas). 3- As outras coisas admitem seu contrário. 4- Nada se pode afirmar das coisas se elas não participam do ser. 5- O Uno, mesmo não sendo, participa do ser. 6- O Uno não sendo e não participando do ser, nada se pode afirmar dele. 7- As outras coisas recebem seus contrários e tudo, assim, se afirma. 8- As coisas não sendo e não participando do ser, nada se pode afirmar delas. “Em outros termos, se o Uno participa do ser, existindo ou não existindo, tudo se pode dizer dele e das outras coisas; se ele não participa do ser, existindo ou não existindo, nada se pode dizer dele nem das outras coisas” (BROCHARD, 1940, p. 115). Disso resulta duas conseqüências absurdas: ou tudo ou nada. Nesse caso, Platão irá colocar a unidade relativa contra a unidade absoluta para resolver o problema. Isso me lembra Heráclito, de que as coisas são e não são.

Se pensarmos que para falar que algo não é e se, para isso, for preciso falar desse algo (que ele não é), então... acaso podemos falar de algo que não existe?

E o que podemos pensar da relação múltiplo/uno? Que, daí, resulta que o múltiplo, às vezes, é finito e, às vezes, é infinito? Semelhante e dessemelhante? Que está em repouso e movimento? Que possui todos os contrários? Como fica também a unidade mesma? (Cf. BROCHARD, 1940, p. 115-117).

Como Platão irá resolver tudo isso com a *méthexis*? É que não se trata de uma mistura e sim de uma relação entre uma “comunidade” de diferentes. Não sei se eu poderia dizer desse modo: que a comunidade tem identidades diversas. Umas se aproximam mais de outras e outras de outras... e assim por diante. Lembro-me

das *Panathenéias*. A festa junta, sem confundir, o que, normalmente, está separado. Nesse sentido, o estrangeiro, que não é cidadão, está na festa, está na cidade. Também o cidadão está lá. São diferentes e se unem. Aí estão as pistas no *Parmênides*. Porém, Platão levanta as questões e, depois, mostra como usar a técnica para solucioná-la. Se a tese do *Parmênides* é o absurdo da multiplicidade, a do *Sofista* é de como se revela a propriedade da multiplicidade. A *méthexis* entra como separação e união. Penso eu que a festa é a saída para a exclusão social, do ponto de vista político. Não é qualquer festa, ela é divina porque une o que estava separado, mas une sem misturar, sem confundir. Creio que, mesmo Platão sendo aristocrático, dá-nos a possibilidade de refletirmos sob outras perspectivas. Exemplo: para participarmos da *polis*, não podemos nos fechar em nós mesmos; porém participar não significa deixarmos de ser nós mesmos.

Outra coisa importante: a participação não se dirige ao todo e à parte. Ela se estende a todas as coisas. Ela, a *méthexis*, não é uma extensão da Idéia sobre as coisas e nem as coisas estando, em parte, na Idéia. Assim, penso eu, a nossa essência não é a Idéia, porque nossa *ousia* é relativa a uma singularidade. Ela tem proximidade com a Idéia, mas não é a mesma coisa. Penso também que, ao considerar tudo isso em sua análise, Platão está preocupado com os valores ético-políticos de sua época. Para nós, em leitura dialética, podemos trazer o passado para o presente para esclarecer o presente a nós mesmos. É fazer dialética no sentido original, criando conexões. Porém, páro aqui com essa minha reflexão pessoal. Vou para o comentário do *Sofista* em seu cerne, já que o tratarei de forma sintética.

Com uma alusão ao *Parmênides*, o *Sofista* (PLATÃO. *Sofista*, 251 d) levanta três hipóteses: 1- nada se identifica com nada; 2- todas as coisas se identificam por estarem em paridade umas com as outras; 3- umas coisas se combinam e outras não. Platão dá a resposta: a terceira hipótese é a que vale (Cf. PLATÃO. *Sofista*, 252 e). As coisas teriam a propriedade das letras, tendo as vogais mais vantagens como elo de ligação e de se juntarem a todas, o que não acontece com as outras, pois que umas se associam e outras não. Nesse aspecto comparativo, “(...) a dialética está para as Idéias como a gramática para as letras do alfabeto ou a música para os sons graves e agudos” (BROCHARD, 1940, p. 122). As Idéias não participam, pois, indistintamente entre si e o acesso a essa compreensão é possível somente pela dialética, que o *Parmênides* não esclarece e o *Sofista* põe às claras (Cf. BROCHARD, 1940, pp. 122-123). Quanto ao *Parmênides*, chegamos, com a

análise de Brochard, à conclusão de que existe um jogo que consiste em discutir apenas duas soluções do problema, quando, na verdade, existem três. Uma fica omissa. Isso Platão desvenda no *Sofista*, que tem por objetivo mostrar que o não-ser existe e que, portanto, há sofistas (Cf. BROCHARD, 1940, p. 123).

[...] O erro consistirá em dizer outra coisa daquilo que realmente é, pois que há o não-ser e, todavia, dizer qualquer coisa pois que o não-ser existe. Mas, para tanto, é preciso que o não-ser seja qualquer coisa intermediária entre o ser e o não-ser absoluto, manifestamente contrária ao ser (BROCHARD, 1940, p. 124) [...].

No *Sofista*, Platão revela-nos o método da divisão através do exemplo do pescador com a linha (Cf. PLATÃO. *Sofista*, final do 221 ao começo do 222 a). Para dar um exemplo rápido do método da divisão, farei o seguinte, apoiando-me no *Sofista*: o homem é um animal doméstico e para caçá-lo podemos usar de violência ou persuasão. Escolhendo a persuasão, ela pode ser pública ou individual. E vai por aí... Bem, explicando que caça por persuasão ao indivíduo é mais seleta e nela se estabelece, realmente, os interesses de ganhar dinheiro, nisso se estabelece também o alvo de quem, mais que interessado no conhecimento, está interessado em se tornar rico e importante. A divisão, nesse caso, é usada por Platão para indicar o sofista (Cf. PLATÃO. *Sofista*, 223 b).

Voltando à questão do ser, há um comentário de Brochard que merece, ainda mais, toda a nossa atenção:

[...] se o ser não é um todo, há alguma coisa, o todo, que existe fora do ser. Por conseguinte, o ser não é completo, falta a si mesmo, visto que deixa alguma coisa fora de si ['(...) 245 c]. A prova de que a maneira de Platão entender é esta é que, quando a discussão termina, vemos reaparecerem as expressões o todo e o ser (BROCHARD, 1940, p. 132) [...].

Ao que parece, Platão reserva-se outra opinião ao dizer do ser que ele age e sofre (Cf. PLATÃO. *Sofista*, 247 e). Contradição? Não, porque se, realmente, há uma busca, isso não impede que apareçam outras percepções durante a mesma. Além disso, buscar é uma coisa e encontrar é outra. Será que aqui caberia, novamente, a questão do absoluto e do relativo?

Continuando, apesar de certas proposições sobre o todo, o que nos importa no momento é a questão da participação. Participar não é um ser identificar-se com o outro, pois a expressão *pareinai* utilizada por Platão, inclusive no *Fédon*¹, é usada para simples participação. É a presença de um atributo e não a identidade do sujeito e do atributo (BROCHARD, 1940, p. 133). Sendo assim, podemos considerar que o ser não é movimento, nem repouso, nem inteligência, alma... mas essas coisas participam do ser, unem-se a ele.

¹ Brochard não localiza a passagem do *Fédon* em seu texto aqui trabalhado.

“ ‘Unir sem confundir’, eis no que constitui a participação” (IDEM, ibidem). Se os amigos das Idéias fazem a exclusão, Platão faz a inclusão de tudo isso no “ser total”. As Idéias continuam distintas e imutáveis, porém podem se aproximar e se mesclar a outras coisas. As Idéias não se alteram, mas o senso comum introduz o movimento no mundo real. Ser e não-ser, tanto um como o outro, apresentam dificuldades para nós em nosso entendimento sobre eles.

“Nem o repouso nem o movimento resulta da natureza do ser; todavia, é imprescindível que o ser esteja em repouso ou em movimento, que é um ponto sobre o qual Platão não transige: não existe termo médio entre esses dois termos” (BROCHARD, 1940, p. 135). Há níveis de participação; desse modo, há gêneros “imparticipáveis”. Isso nos leva ao que Brochard nomina de “o ponto chave de todo o sistema platônico” (IDEM, p. 136): a teoria dos cinco gêneros, expressa no *Sofista* (Cf. PLATÃO. *Sofista*, 245 c; e seguintes). O ser, o movimento e o repouso nos levam ao mesmo e ao outro e, disso, temos os cinco gêneros, visto que dos três primeiros cada um é si mesmo e diferente dos outros, donde surgem o mesmo e o outro. Portanto, se o ser pode se unir ao movimento e ao repouso, isso não significa *mixis*. Unir-se não é deixar de ser o que se é, ou, em outras palavras, participar não quer dizer perder-se de si mesmo. Pelo contrário, é pela alteridade que pode-se saber do mesmo e do outro.

Sobre o que Platão dissera, que repouso e movimento não se participam, que são absolutamente opostos, temos a interpretação de Schleiermacher que suprime a contradição, pois ele coloca essa afirmação de Platão como hipótese do filósofo grego (IDEM, p. 137). Basta lembrar que repouso e movimento são diferentes. Não devemos esquecer que “(...) há sempre o não-ser ao lado do ser (...)” (IDEM, p. 138). Se Schleiermacher convenceu ou não... Bem, hipótese ou não, Platão coloca repouso e movimento dentro da categoria dos gêneros incomunicáveis. Brochard diz, entretanto, que Platão reconhece que sua demonstração não é totalmente satisfatória, mas fica com ela na falta de uma melhor e, quem quiser, que prove o contrário (Cf. PLATÃO. *Sofista*, 259 a. Colocação sobre o não-ser).

Interessante também é que Platão nos alerta que, em procurando o sofista, poderíamos ter encontrado o filósofo (Cf. PLATÃO. *Sofista*, 253 c, ao final).

E, em termos de participação, o que distingue o *Sofista* do *Parmênides*? Consoante as colocações de Brochard, é o da participação das Idéias entre si, indo além da participação do mundo sensível nas Idéias (Cf. BROCHARD, 1940, p. 141).

E mais: nada do que existe, pode ser concebido sem a participação nas Idéias mais elevadas.

Sobre os cinco gêneros, aí reside a polêmica platônica que conclui essa parte da análise de Brochard: “(...) é na realidade a Idéia de relação ou de relatividade que Platão introduz em suas mais elevadas especulações e que coloca em lugar do absoluto tal como havia concebido o eleatismo” (BROCHARD, 1940, p. 144). Nisso, inclusive, está a diferença entre a lógica de Aristóteles e a dialética do seu mestre: Platão implanta a possibilidade do relativismo via *méthexis* e consegue trazer o não-ser para a filosofia, o que Aristóteles não aceita. Contudo, ao menos, Aristóteles entendeu que o ser se diz de muitas maneiras. Pois, o diferente, aquilo que não é ele, também é. Ou não?

Considerações finais:

As reflexões expostas neste trabalho são algumas pontuações de estudos que poderão ser mais desenvolvidos, entretanto, essa síntese, que considero não fechada, fornece um panorama a respeito de algumas pesquisas sobre Platão. O filósofo ainda é um forte referencial para nós, tanto que o esforço para compreendê-lo é bastante grande. Não são poucos os renomados estudiosos que dedicaram ou que estão dedicando suas vidas para fazer frutificar um bom trabalho. Mesmo aqueles que discordam muito dele, como é o caso de Nietzsche, diz o seguinte: “Platão deve, para nós, substituir os escritos sublimes, e hoje perdidos, dos filósofos pré-platônicos (Nietzsche, F. *Introduction à la lecture des dialogues de Platon*, 1991)” (PAVIANI, 2001, p. 17).

O fato é que Platão é repleto de artimanhas em seus escritos, como foi possível notar nas análises de Brochard.

E os traços marcantes da sua dialética e da sua teoria da participação ficam presentes entre nós, para que possamos, cada vez mais, buscar compreendê-las dentro do seu contexto e possibilitarmos o uso de sua “ciência” em nosso contexto. Sinal de que a filosofia é indispensável para todos aqueles que têm como objetivo o bom desenvolvimento do seu espírito e o “bem da cidade”, porque de uma coisa não podemos esquecer: Platão levou isso em alta consideração e, sem isso, estaríamos no caminho contrário ao dele.

Referências bibliográficas:

AUBENQUE, Pierre. *Etudes sur le Sophiste de Platon*. Bibliopolis, 1991.

BROCHARD, Victor. *Estudios sobre Sócrates y Platón*. Trad. de Léon Ostrov.
Buenos Aires: Editorial Losada, 1940.

PAVIANI, Jayme. *Filosofia e Método em Platão*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

OBRAS DE PLATÃO UTILIZADAS:

PLATÃO. *Parmênides*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: Editora UFPA, 1974, vol.
Volume VIII.

PLATÃO. *Sofista*. Seleção de textos de José A. M. Pessanha. Trad. e notas de José
C. de Souza, Jorge Paleikat e João Cruz Costa. São Paulo: Nova Cultural,
1987 (Os Pensadores).

PLATONE. *Il Sofista*. A cura di Mario Vitali e presentazione di Francesco Maspero.
Milano: Tascabili Bompiani, 1992.